

Universos breves

Antologia do microconto de língua espanhola

Francisca Noguerol [org.]

Cobogó


Instituto Cervantes

Sumário

Prefácio, Francisca Noguerol	7
Esther Andradi	15
Jorge Ávalos	21
Alberto Barrera Tyszka	27
Pía Barros	33
Bibiana Bernal	39
Raúl Brasca	45
Guillermo Bustamante Zamudio	51
Homero Carvalho Oliva	59
Rafael Courtoisie	63
Lilian Elphick	69
Lorena Escudero Sánchez	75
Patricia Esteban Erlés	79
Cecilia Eudave	83
Henry Ficher	89
Marco Flecha Torres	95
Miguel Gomes	101
Ibeth Guzmán	107
Rafael Ángel Herra	113
Fernando Iwasaki	119
Enrique Jaramillo Levi	125

Isabel Mellado	131
José María Merino	137
Agustín Monsreal	143
Diego Muñoz Valenzuela	147
Andrés Neuman	153
Julia Otxoa	161
Kras Quintana	167
Ednodio Quintero	173
Solange Rodríguez Pappe	179
Nana Rodríguez Romero	185
Alberto Sánchez Argüello	191
Rolando Sánchez Mejías	197
Ana María Shua	203
Ricardo Sumalavia	209
Aida Elizabeth Toledo	215
Luisa Valenzuela	223
Ana Lydia Vega	229
Laura Elisa Vizcaíno	237
José Zelaya	241

Prefácio

Há longínquos trinta anos, publiquei meu primeiro artigo sobre o miniconto. Naquela época, eu era uma jovem na casa dos vinte que, na Universidade de Sevilha, tinha descoberto textos que me atraíam de modo especial: neles o espírito lúdico se combinava com a paixão pelas palavras, a reflexão crítica com a sedução, eletrizando quem os lia, graças à sua expressão quintessencial. Meu entusiasmo chegou a tal ponto que, quando tive de escolher um tema de tese doutoral, optei por mergulhar na poética de Augusto Monterroso, autor consagrado dessa modalidade textual que, naquela época, nem sequer recebia um nome; ou melhor, atendia por muitos termos, entre eles miniconto, microrrelato, microficção e short-short story.

Aqueles de nós que amávamos esses *textículos* — como dizia Cortázar — sabíamos que suas linhas, então consideradas pela academia como passatempos *passadiços* (que não passavam disso), nos mergulhavam nas águas mais satisfatórias da experiência literária, em que são explorados sem vergonha os recônditos desse enigma prodigioso que chamamos de *linguagem*. Marcados pela liberdade, subvertiam qualquer tipo de convenção literária para assumir, com orgulho, sua condição *degenerada*. Já que neles a densidade sêmica corria em paralelo à indefinição

semântica, exigiam a cumplicidade de seus leitores, que tinham de estar atentos para desvendar as múltiplas interpretações sem sair escaldados da experiência.

Também constatei que seus criadores eram inimigos do conceito de *fast fiction* — repentina e improvisada —, portanto desenvolviam um trabalho *minucioso*, no sentido etimológico da palavra: cuidadoso, preocupado com a exatidão da sentença, preciso. Daí o título desta antologia — *Universos breves* —, escolhido porque *breve* define algo curto, mas também delicado e exato em sua composição.

E isso acontece porque os melhores minicontos, com pouquíssimas exceções, permanecem na gaveta da escrivaninha por tempo suficiente para serem revisados em mais de uma ocasião. Recorrendo a uma linguagem elusiva e ao mesmo tempo alusiva, eles correspondem ao que o venezuelano Gabriel Jiménez Emán soube sintetizar em poucas linhas: “Estou convencido de que a brevidade é uma enteléquia quando leio uma linha e ela me parece mais longa do que minha vida, e então depois leio um romance e ele me parece mais curto do que a morte.”

Estamos falando, isto posto, de uma literatura no fio da navalha, que encontra sua expressão mais exata na palavra escrita. Tal característica é apontada pelos contadores de histórias mais famosos, que equiparam o miniconito à poesia por sua condição compacta, em que cada palavra vale seu peso em ouro pelo lugar que ocupa: textos, em suma, nos quais a rede de pesca só pode ser lançada uma vez. No entanto, que maravilha quando

se encontra o fio da meada! As linhas, então, se eletrificam, agindo como disparadores e provocando epifanias inesgotáveis — e inesquecíveis —, apesar de sua escassez.

A busca pela surpresa explica a frequente atribuição do miniconto aos mundos do insólito — estranhos, grotescos, fantásticos, maravilhosos —, em que as fronteiras entre realidade e ficção são violadas. Assim, a primeira antologia em espanhol sobre o tema, editada por Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares, foi intitulada *Cuentos breves y extraordinarios* [Contos breves e extraordinários] (1953), seguida por outro volume de nome significativo: *El libro de la imaginación* [O livro da imaginação] (1970), organizado pelo mexicano Edmundo Valadés.

Em contrapartida, deve se notar o papel desempenhado pelo silêncio nesses textos, muitas vezes definidos como nus, tolos, parcos, leves ou lacônicos. Como aponta Luisa Valenzuela em “Taller de escritura breve” [Oficina de escrita breve]: “A primeira e talvez única (em minha opinião) regra do miniconto, além de sua lógica e antonomástica brevidade, consiste em estar plena e absolutamente alerta à linguagem, perceber tudo que as palavras dizem em seus diversos significados e, acima de tudo, o que NÃO dizem, o que ocultam ou disfarçam.” Por isso que tem sido apresentado como um exercício no qual *contar e descontar* é igualmente importante, pois atende, sobretudo, à eloquência do silêncio.*

* Quem conseguiu ver isso muito bem no âmbito lusófono foi Francisco Maciel, que intitulou um de seus artigos “Do conto ao microconto: a estilística do tácito, a temática do nefando em Dalton Trevisan” (2003).

Nessa leonardesca *arte di levare*, faz toda a diferença o fato de que os textos sejam vistos de um só relance, o que faz o olho se deleitar e contribui para a percepção “física” das palavras, em uma suposição da obra próxima àquela que se manifesta na percepção poética. Daí a utilização de sinais suprasegmentais como a vírgula, os dois-pontos e o ponto e vírgula, pois dão origem a frases mais paratáticas do que hipotáticas e a textos com um ritmo tão marcado quanto fragmentário.

Destaco também o recurso a estratégias expressivas que se inclinam para os vazios. É o caso da transtextualidade — que nos obriga a coletar informações de textos anteriores —, da metaficção — que questiona os limites da escrita —, do humor e da ironia — que privilegiam a expressão oblíqua e o subentendido — e, finalmente, da imagem — que permite alcançar um *coágulo* conceitual em torno do qual surgem as palavras.

Chegou o momento de falar sobre esta antologia, cujo encargo agradeço ao Instituto Cervantes, pois me permitiu desfrutar a leitura de textos extraordinários, escolhidos com total liberdade por aqueles que assinam estas linhas. Nela estão reunidos 39 autores contemporâneos, 17 mulheres e 22 homens indiscutíveis no âmbito do miniconto em espanhol. Autores de Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, cada um deles me permitiu selecionar alguns minicontos dentre vários inéditos para compor este volume, generosidade que quero enfatizar nesta introdução.

A seleção reúne várias gerações de escritores, alguns canônicos e outros menos conhecidos. Desde a experiente Luisa Valenzuela ao jovem José Zelaya, constituem um conjunto de vozes em que alguns países — Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, México, Venezuela — são especialmente representados por seu interesse tradicional no assunto que nos entusiasma. Destaco a grande diversidade de tendências que podem ser apreciadas nos textos: das minificções comprometidas com o mundo em que vivemos — muito frequentes entre as que recebi e que dão uma ideia da tensão que inquieta nossos *extraños* dias — às que apostam nos mundos incomuns, nos jogos linguísticos ou na reflexão filosófica.

Em todos os casos, aprecia-se a vitalidade do miniconto, que desde o fim do século xx goza de projeção especial — para a qual contribuiu, sem dúvida, o império da brevidade nas comunicações —, mas que de forma alguma pode ser banalizado, sendo necessário identificar os textos verdadeiramente valiosos da *fast fiction*. Assim, este volume foi planejado como instrumento de divulgação, como objeto de prazer de leitura, para mostrar o que faz um miniconto ser considerado bom e, por último, para difundir seus principais adeptos em espanhol. Isso já foi feito por antologias exemplares como *La mano de la hormiga. Los cuentos más breves del mundo y de las literaturas hispánicas* [A mão da formiga. As histórias mais curtas do mundo e das literaturas hispânicas] (Antonio Fernández Ferrer, 1990), *Por favor, sea breve. Antología del microrrelato hispánico* [Por favor, seja breve. Antologia do miniconto hispânico] (Clara Obligado, 2001) ou *La otra mirada. Antología del microrrelato hispánico* [O outro olhar. Antologia do miniconto hispânico] (David Lagmanovich, 2005).

Concluo expressando minha alegria pela publicação deste volume no Brasil, país ao qual me unem íntimos laços pessoais e que se destaca na prática da microficção. Atestam isso seus ilustres antecedentes (Machado de Assis, Oswald de Andrade, Lima Barreto), seus sucessores (Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Eno Theodoro Wanke, Moacyr Scliar, Wilson Bueno) ou Elias José, que destinou ao subtítulo de sua obra *O tempo, Camila* (1971), pela primeira vez, a denominação de *minicontos*. A saúde excepcional do miniconto é mantida hoje pelos ilustres Dalton Trevisan e Marina Colasanti, seguidos no campo literário especificamente por nomes como José Eduardo Degrazia e Fernando Bonassi e, no nível trans e intermediário, por propostas tão estimulantes quanto as de Ana Mello ou Carlos Seabra.

Que *Universos breves* sirva, então, para construir pontes culturais através do miniconto, essa radiante *brevidade* que certa vez defini em algumas linhas lúdicas e curtas — não poderia ser de outra forma —, com as quais encerro minha exposição:

ABC do miniconto

Acrobático, bem-humorado, certeiro, desinibido, elegante, flexível, genial, hipnótico, impactante, jubiloso, kantiano, lícido, musical, notável, oblíquo, potente, quixotesco, rápido, sóbrio, terno, único, veloz, wonderful, xilofônico, yin-yang, zeloso.

Francisca Noguero